

Crescimento zero durante 92

Marcos Mas

OGoverno já admite a possibilidade de trabalhar com um pequeno déficit nas contas públicas em 1992, ano para o qual prevê crescimento zero da economia. A informação é do diretor do Departamento de Orçamentos da União (DOU), José Carlos Alves dos Santos, para quem a previsão de gastos para o ano que vem apenas projetará a continuação da difícil situação que o País atravessa em 1991.

"Será o pior orçamento dos últimos dez anos", prevê Alves dos Santos, que tem de encaminhar o projeto ao Congresso até o dia 31. Ele recorda que o Governo está obrigado pela Lei de Diretrizes Orçamentárias a promover um corte real de 20% nos gastos públicos, em relação a 1990. Mesmo assim, admite o diretor, as receitas não deverão ser suficientes para cobrir as despesas. "Existe a possibilidade de enfrentarmos algum déficit", afirma.

José Carlos lembra que ainda em 1991 o Governo terá problemas para equilibrar suas contas. Pela primeira vez nos últimos anos não se espera excesso de arrecadação, por exemplo. Em dezembro do ano passado, quando o Congresso Nacional resolveu multiplicar por 5,6

os números do orçamento para 1991, previa-se uma inflação média superior à que realmente ocorreu. Com isso, as despesas previstas tornaram-se superestimadas em relação às receitas.

Por outro lado, já foi detectada pela equipe econômica uma forte pressão das empresas estatais sobre as contas públicas. Por causa principalmente da contenção dos preços de suas tarifas, empregada como estratégia de combate à inflação, as estatais têm fortalecido a tendência à ocorrência de déficit público ainda neste ano.

FMI

Para 1992, as previsões não são mais otimistas. "Não há perspectiva de crescimento da economia para o ano que vem", afirma José Carlos Alves dos Santos. Por causa disso, argumenta, fica comprometida desde já a expectativa de aumento na própria arrecadação do Governo.

Para o diretor do DOU, o jeito será administrar as carências. "Vai ser um ano muito difícil", acredita ele.

Segundo Alves dos Santos, a possibilidade de déficit nas contas públicas do ano que vem não assustou à missão do Fundo Monetário Internacional (FMI), que ainda analisa, em Washington, os dados recolhidos em Brasília.